

Olímpio Presidential

“Povo gosta é de emoção”

26 JUN 1998 JORNAL DO BRASIL

A queda nas pesquisas provocou uma reviravolta na cabeça do presidente Fernando Henrique Cardoso. Hoje ele reconhece que estava acomodado no sucesso da estabilidade, não conferia importância aos adversários e preparava-se para enfrentar uma eleição como se seu destino político não estivesse em jogo.

Só continua, por enquanto, firme na determinação de não participar de debates com os outros candidatos no primeiro turno. “Todos se juntarão contra mim.” Agora, como trocou as altíssimas plataformas por sandálias de franciscano, Fernando Henrique evita trabalhar com decisões irrevogáveis: “Se estiver mal nas pesquisas, eu vou. Política não tem regras rígidas.”

Pela primeira vez, revela também o sentimento que teve quando da crise asiática em outubro do ano passado. “Olhei aquilo e pensei: estou liquidado.”

Por isso, justifica, agiu com rapidez a fim de que a estabilidade da moeda não fosse atingida e, confessa, assinou um pacto de medidas onde a equipe econômica incluiu, na sua opinião, “maldades desnecessárias”. Coisas sem efeito prático, que depois configuraram-se umas inócuas, outras de execução impossível, todas politicamente inconvenientes.

Dois exemplos: o anúncio da demissão de 30 mil funcionários – que não aconteceu – e o aumento das taxas de embarque nos vôos internacionais.

Se sabia que o custo político seria muito maior que o benefício econômico, por que assinou então?

“Porque hoje é fácil analisar as coisas com racionalidade. Mas naquele momento em que voltei correndo das Ilhas Margarita com informações muito ruins a respeito do que acontecia no mundo, era preciso tomar uma atitude urgente. Ainda disse para a equipe: se vocês acham que é importante, que eu preciso mesmo mostrar que tenho coragem para tomar atitudes, eu assino, mas sei que são maldades desnecessárias cujo preço político quem paga sou eu.”

E é por causa disso que o presidente diz que não chegou a se surpreender muito com a queda nas pesquisas. Pensou apenas que ela se registrasse em dezembro, um mês após a edição do pacote que duplicou as taxas de juros.

Mas o abalo veio depois, em maio-junho, aí não mais apenas pelos efeitos do pacote, mas por razões já mais que explicadas pelo governo: aumento do desemprego, seca e uma certa lentidão do poder público em dar respostas a eventos como o incêndio de Roraima.

Fernando Henrique acha um erro atribuir todos os problemas a questões de comunicação. “O governo se comunica o tempo todo, às vezes de forma incorreta, mas não raro o problema está nas ações e não na comunicação.”

“No pacote da crise asiática, a equipe econômica cometeu maldades desnecessárias.”

(Fernando Henrique)